

A verdadeira recessão

Dados preliminares divulgados pela Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, reproduzidos com destaque ontem pela imprensa, revelam que a economia brasileira passou por um de seus piores momentos durante o ano passado, quando o Produto Interno Bruto teve uma retração de 41,3%. O percentual é em si preocupante mas sua real dimensão se torna mais grave ainda quando associado a outros números.

A recessão, já se disse, jamais é um objetivo de qualquer política econômica em sã consciência concebida. Em muitos casos, inclusive no brasileiro, torna-se, contudo, uma consequência inevitável do combate a processos inflacionários acentuados. Como fenômeno econômico, a questão não tem sido devidamente tratada pelas lideranças políticas nacionais, especialmente quando se trata de esclarecer a opinião pública. Em geral, ela foi negada até que se tornasse uma realidade evidente numa atitude que apenas contribuiu para o desgaste das instituições e das autoridades sem contribuir para que a população entendesse seu verdadeiro caráter.

Antes de quaisquer outras considerações, há que se distinguir a recessão resultante de um programa de estabilização econômica daquela que naturalmente decorre do esgotamento de um ciclo econômico ou de uma combinação de fatores estruturais, o que é ainda mais grave e pode comprometer as possibilidades de desenvolvimento do País. Em princi-

pio, os números que o IBGE acaba de divulgar indicariam que a recessão do ano passado é consequência do Plano Collor. Sendo causada por uma política de ajuste, seria superada sem maiores problemas num prazo relativamente curto.

A situação se torna mais grave, porém, quando se leva em conta que o Produto Nacional Bruto das nações desenvolvidas também perde fôlego. No caso dos Estados Unidos, a retração no último trimestre de 90 foi de 2,1%, confirmado as previsões de que o mais longo ciclo de expansão econômica contínua deste século está se esgotando. A mesma tendência, ainda que de forma não tão intensa, é registrada em outras economias do primeiro mundo conhecidas por sua estabilidade.

A guerra no Golfo Pérsico, com suas consequências reais e psicológicas, contribui para o aprofundamento da recessão internacional que acaba por se refletir em países que não participam do conflito. A situação já seria suficientemente desfavorável se as estatísticas não indicassem que a atual recessão é a quarta em 11 anos e apresenta alguns sintomas de que sua origem vai além dos efeitos do plano econômico e da retração internacional. Durante os últimos anos quase todos os setores e subsetores econômicos nacionais perderam competitividade em termos internacionais enquanto o nível de obsolescência aumenta e caem os investimentos. A perdurarem estes fatos, não apenas a recessão será mais profunda, como a retomada posterior mais difícil.